



Sentimento e a Razão

Os juristas preocupam-se com os sentimentos quando a matéria é penal: *crimes passionais*. Se o computador é capaz de nos vencer num jogo de xadrez, ele é incapaz de entrar no mundo sentimental. Esta é uma diferença entre a máquina e o homem.

O que é um sentimento?

A tentação é dizer que o que sentimos não se define. Mas isto é possível. É uma relação de atração e repulsa contra a pessoa sobre fatos, pessoas e coisas. É uma inclinação que se localiza em todo ser da pessoa e não apenas na mente ou no corpo. Todas as faculdades são convocadas numa relação concreta.

O sentimento *stricto sensu* é da ordem da existência (presença ou ausência). Os sentimentos estão ligados a valores e estes nós aprendemos intuitivamente.

Pascal¹ dizia: precisamos distinguir a **razão** da finura (*finesse*).

“Existem, pois, duas espécies de espírito, um que penetra forte e profundamente as consequências dos princípios, e é o espírito da justiça. O outro que compreende um grande número de princípios sem os confundir e é o espírito da geometria. Um é a força e a retidão de espírito. Outro é a amplitude do espírito. Ora, um pode muito bem existir sem o outro, podendo o espírito ser forte e estreito, e podendo ser também amplo e fraco.”

A **ética não é apenas indutiva**, mas também *intuitiva*. A falta absoluta de sentimentos é uma falta grave no ser humano.

Antonio Damásio escreveu um livro conhecido como: *O Erro de Descartes*², no qual ele relata casos de lesões cerebrais que suprimem os sentimentos ou emoções de um paciente.

Ele alerta que a emoção descortina a possibilidade de *agir* de maneira inteligente sem precisar *pensar* com inteligência, mas é o raciocínio que nos permite *pensar* com inteligência antes de *agir* de maneira inteligente, e isso é bom.

¹ Blaise Pascal, *Pensamentos*, São Paulo, Martins Fontes, 2000. p. 235, item 511 (2).

² António R. Damásio. *O Erro de Descartes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

Em suas palavras “[...] descobrimos que muitos dos problemas que encontramos em nosso complexo ambiente podem ser resolvidos apenas com emoções, porém não todos, e nestas ocasiões as soluções que a emoção oferece são, na realidade, contraproducentes.” (p. 12).

Na p. 13 ele ressalta que “[...] a presença obrigatória da emoção no processo de raciocínio pode ser vantajosa ou nefanda, dependendo das circunstâncias da decisão e da história pregressa de quem decide.”

Não obstante, quando “[...] a emoção não figura de modo algum no quadro do raciocínio, como ocorre em certas doenças neurológicas, a razão mostra-se ainda mais falha do que quando a emoção nos prega peças na hora de decidir.”

Este raciocínio pode ser observado em Adam Smith³, o qual no séc. XVIII, 20 anos antes de escrever a *Riqueza da Nação*, redigiu um tratado ético chamado “*Teoria dos os Sentimentos Morais*”. Há trechos no livro que preparam a sua principal obra: A riqueza das Nações. Já é possível antever a famosa metamorfose da mão invisível.

Smith funda a ética na simpatia – *simpus* – conjuntamente, *pathos* - sofrimento. Do grego *sympáthéia*, articipação em..., sensibilidade ao sofrimento do outro. Pôr-se na condição do outro: há atos sublimes de heroísmo.

“A esse princípio da nossa natureza, que nos faz experimentar as situações dos outros, e dividir com eles as paixões que essas situações tendem a despertar, o Sr. Smith dá o nome de *simpatia* ou *solidariedade*, palavras que emprega como sinônimos. Reconhece que a simpatia em algumas ocasiões se origina simplesmente da visão de certa emoção em outra pessoa; embora geralmente se deva não tanto à visão da emoção, mas à visão da situação que a provoca.”⁴

Bibliografia.

BOITEUX, Elza Antonia Pereira Cunha. Educação e valores ambientais. In: *Direitos humanos: estudos em homenagem a Fábio Konder Comparato*. 1 ed. Salvador-BA: JusPodivm, 2010, p.43-59,

³ Adam Smith, *Teoria dos sentimentos morais*, São Paulo, Martins Fontes, 1999.

⁴ ob. cit. p.XXV

